

RECEPÇÃO DE NIETZSCHE NO NORDESTE BRASILEIRO

[NIETZSCHE'S RECEPTION IN NORTHEAST BRAZIL]

*Geraldo Dias **

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras, Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é procurar fixar que a história da recepção do pensamento nietzschiano no Brasil teve início no Nordeste do país. Para tanto, procuramos demonstrar essa hipótese a partir de uma análise detida de algumas das primeiras produções nas quais Nietzsche aparece, publicadas por autores brasileiros. São produções assinadas pelos nordestinos Tobias Barreto, João Ribeiro, Clóvis Beviláqua e Araripe Júnior. Escritas entre o final do século XIX e início do XX, veremos que nessas produções Nietzsche é recebido ora como objeto de apreciação filosófica, ora como guia de conhecimento para o exercício da crítica e da criação literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Recepção; Nordeste Brasileiro

ABSTRACT: The purpose of this article is to try to establish that the history of the reception of Nietzschean thought in Brazil started in the Northeast of the country. Therefore, we try to demonstrate this hypothesis based on a careful analysis of some of the first productions in which Nietzsche appears, published by Brazilian authors. They are productions signed by the Northeastern Tobias Barreto, João Ribeiro, Clóvis Beviláqua and Araripe Júnior. Written between the end of the 19th century and the beginning of the 20th, we will see that in these productions Nietzsche is received either as an object of philosophical appreciation, or as a guide of knowledge for the exercise of literary criticism and creation.

KEYWORDS: Nietzsche; Reception; Northeast Brazil

I. INTRODUÇÃO

Do ponto de vista histórico-geopolítico, já sabemos que a recepção do pensamento de Nietzsche teve início no Brasil a partir da região Nordeste, ainda no final do século XIX. Não obstante, cabe ainda explicitar melhor a maneira pela qual aconteceu essa recepção nordestina do pensamento nietzschiano. Quem foram, afinal, os protagonistas desse momento inaugural? Quais teriam sido as contribuições dessa recepção para a história das ideias no Brasil?

Propomos que essas questões podem ser resolvidas a partir de uma análise das produções nas quais Nietzsche aparece: ora como objeto central de apreciação, ora como fonte inspiradora para o exercício do pensamento crítico e da criação literária, publicadas por intelectuais nordestinos, tais como Tobias Barreto, Sílvio Romero, João Ribeiro, Farias Brito, Clóvis Beviláqua, Araripe Júnior, dentre outros, tais como os

* *Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, Brasil. Professor de Filosofia da FAFIC - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras, PB, Brasil. E-mail: ge.pdias@hotmail.com*

poetas Augusto dos Anjos e Manuel Bandeira, o sociólogo Gilberto Freyre, o escritor José Lins do Rego, o memorialista Gilberto Amado, entre outros. Mesmo que alguns deles tenham realizado suas produções fora do Brasil e/ou em outras regiões do país, nem por isso ficavam de lado nelas as suas características nordestinas, presentes em suas posições políticas, sociais e estéticas, que eram, à época, vanguarda. E, afinal, são produções que carregam consigo uma das faces da cultura brasileira, tão rica em diversidade. Para ficar com uma expressão emprestada de Nietzsche, o Nordeste apresenta a face “dionisiaca” da cultura brasileira, assim pensou o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (FREYRE, 1943, p. 116-147).

Os primeiros leitores/receptores brasileiros de Nietzsche eram intelectuais atuantes na vanguarda renovadora do movimento germanista surgido no Recife. Nietzsche é nominalmente citado na imprensa nordestina em 1876, por Tobias Barreto, no artigo “Nem filósofo nem crítico”, publicado no jornal *A Província*, do Recife. Já mostramos que os primeiros materiais contendo texto de Nietzsche e informações a seu respeito que entraram no Brasil, trazidos da Alemanha, pertenceram a Tobias Barreto¹. Ele tomou contato com texto de Nietzsche, bem como artigos e resenhas a seu respeito, publicados em revistas e livros alemães, adquiridos por ele e atualmente catalogados e disponíveis em sua biblioteca particular, na Faculdade de Direito do Recife (BARRETO, 2011, p. 28). Sua breve referência a Nietzsche, datada de 10 de março de 1876, embora ocasional, se mostra renovadora, ao se contrapor à influência francesa do período e abrir contato com a cultura alemã: “Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche, de Basiléia, que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã!” (BARRETO, 1876, p. 03). Como se pode notar, pelo nome Strauss, Tobias Barreto faz referência à primeira das *Considerações extemporâneas* de Nietzsche: *David Strauss, o devoto e o escritor*, de 1873; as três seguintes serão publicadas até 1876. É provável, portanto, que Tobias Barreto tenha lido/acessado diretamente o livro; ou tomado contato acerca do mesmo de forma indireta, através das revistas alemãs que encomendava.

Mais intensamente, a partir de 1892 Nietzsche passa a ser citado em diários e revistas de alcance regional e nacional. São artigos, crônicas, notícias e fragmentos de traduções de seus escritos; colunas em revistas e jornais com informações a respeito das edições de suas obras, dos seus estudiosos e leitores; notícias sobre seu estado de saúde, etc.; discussões sobre as suas obras, teorias, o modo de vida retirado, solitário, trágico². No ano de 1892, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, passa a dedicar uma coluna com traduções de “Aforismos de Frederico Nietzsche”, empreendimento que durou pouco, mas rendeu a tradução de alguns aforismos (ANÔNIMO, 1892, p. 02). Em grande parte, esse interesse por Nietzsche foi largamente impulsionado pelos intelectuais atuantes no movimento germanista do Recife. Sílvio Romero considerava que bem antes, no período de 1870 a 1889, já era “preciso ser muito refratário a certa forma superior da cultura para não ter lido e meditado (...) Nietzsche (...) e cinquenta outros” pensadores alemães (ROMERO e RIBEIRO, 1906, p. LIII-LIV).

É, portanto, nesse contexto histórico-geopolítico nordestino de renovação da cultura brasileira através de uma aproximação e valorização da cultura alemã que surgem os primeiros leitores brasileiros de Nietzsche. Dentre eles, primordialmente destacam-se Tobias Barreto e João Ribeiro: são eles os primeiros a lerem escritos do filósofo. Mais do que passivos leitores, é a partir de suas produções que Nietzsche começa a aparecer com mais força na cena cultural brasileira. Tanto que, em maio de 1893, aparece um texto dedicado à filosofia de Nietzsche, um dos primeiros então publicados no Brasil, divulgado no diário carioca a *Gazeta de Notícias*, assinado por Julio Erasmo. O autor se opõe decididamente às inovações dos germanistas da Escola

do Recife. Ao longo do texto, se opõe resolutamente contra “as tendências filosóficas de algumas escolas alemãs que estão surgindo”, por considerá-las “preconizadoras do imoralismo” (ERASMO, 1893, p. 01). Como se pode notar, o preço que os germanistas pagavam por se alinharem a pensadores como Nietzsche era serem enquadrados como partidários de um difuso imoralismo cínico.

Neste artigo, para melhor fixar a hipótese de que a história da recepção brasileira da filosofia de Nietzsche teve início a partir do Nordeste do país, analisaremos mais detidamente alguns textos de três autores nordestinos ligados ao germanismo da Escola do Recife. São textos nos quais Nietzsche aparece como objeto de apreciação filosófica e guia de conhecimento para pensar o exercício da crítica e da criação literárias. São eles: o sergipano João Ribeiro e os cearenses Clóvis Beviláqua e Araripe Júnior. Veremos que eles realizaram um tipo específico de recepção da filosofia³.

II. JOÃO RIBEIRO: UM GÊNIO PARADOXAL À MANEIRA DE NIETZSCHE?

Mais do que um leitor/receptor passivo, João Ribeiro conta entre os primeiros brasileiros a publicar texto sobre Nietzsche e a traduzir vocábulos centrais de sua filosofia para a nossa língua. Quem primeiro realmente colocou o nome e as ideias de Nietzsche em circulação no Brasil foi o filólogo sergipano (COSTA, 1998, p. 116). O mesmo João Ribeiro que chegou a ser apontado por estudiosos como precursor do modernismo; e foi cogitado pelo próprio Oswald de Andrade a ser chefe do movimento (BARBOSA, 1988, p. 38). João Ribeiro foi “um representante da mentalidade positivista de origem alemã, quanto ao método da investigação e da análise erudita” (COUTINHO, 1958, p. 62-64). Seu primeiro texto sobre Nietzsche, escrito em Berlin, de início foi divulgado com o título “F. Nietzsche”, em primeira página do diário carioca *Jornal do Comércio*, a 18 de junho de 1897 (RIBEIRO, 1897, p. 1); depois, com o título “Frederico Nietzsche”, foi publicado no anuário carioca *Almanaque Garnier*, em 1904; por fim, com esse mesmo título, foi novamente reeditado, com revisões, alterações e acréscimos, no livro de crônicas *O Fabordão*, de 1910. Nele o autor trata de vários temas da filosofia nietzschiana sem perder de vista o contexto cultural brasileiro. O artigo, segundo o autor, foi motivado pelo falecimento da mãe de Nietzsche. É ainda um dos primeiros textos escritos sobre Nietzsche publicados no Brasil. Nele, coube a João Ribeiro o primeiro esforço para traduzir, diretamente do alemão, conceitos fundamentais da filosofia de Nietzsche. Nessa empresa, mostrou particular dificuldade com a tradução do termo “*übermensch*”, traduzindo-o, inicialmente, por “prohomem/pro-homem” e “sobre-homem”; somente depois passará a empregar o vocábulo “super-homem” (RIBEIRO, 1910 p. 17-27).

Em prefácio à edição de 1967 de *O Fabordão*, o modernista Augusto Meyer aponta que o germanista João Ribeiro também não traduziu bem a expressão *Umwertung*, ao vertê-la por “inversão”, sugerindo que melhor teria sido traduzi-la por “transmutação, remodelação, renovação” (MEYER, 1967, p. 11-18). De fato, essa tradução de João Ribeiro não repercutiu muito. Entre as primeiras tentativas de tradução da expressão *Umwertung aller Werte* para a língua nacional, consolidou-se o emprego de “transmutação de/dos valores”, presente na produção de autores como Elísio de Carvalho e Gilberto Amado.

Em 1898, a *Revista Brasileira* publicou o “Discurso do Sr. João Ribeiro”, realizado por ocasião de sua “Recepção” na Academia Brasileira de Letras. O periódico, desde o ano de 1896, já encontrava quem mencionasse Nietzsche e empregasse seu vocabulário, em neologismos como “*pro-homens*” e “nihilismo”. Em

seu discurso, num exaltado elogio à poesia, João Ribeiro desenvolve uma crítica voltada a uma apreciação fisiológica desse fenômeno, isto é, uma crítica do fenômeno poético pautada pela filosofia de Nietzsche como guia. Esse procedimento crítico, mais tarde, será retomado e levado adiante pelo movimento modernista: numa espécie de revisão dos valores estéticos da inteligência brasileira que toma como critério crítico o procedimento fisiológico de Nietzsche, especialmente em sua crítica à música de Wagner.

Para alicerçar sua reflexão sobre os aspectos orgânicos presentes no fenômeno poético, João Ribeiro toma como guia de sua crítica a primeira obra do jovem Nietzsche, nela encontra a possibilidade de expressar o que pensa sobre a arte poética:

Frederico Nietzsche via na tragédia grega a forma mais veemente e máscula da poesia clássica e a tragédia era o consórcio do elemento épico e do lírico, da ação e do coro: era a identificação do elemento apolíneo plástico, sereno e escultural com o elemento dionysíaco, feito de dor, de subjetivismo e de música. Em suma era a conjugação da palavra à música, a subordinação da narrativa ao ritmo. Supunha assim o filósofo achar a misteriosa correlação orgânica que há entre emoções e as ondas sanguíneas do coração; e, pois, que a continuidade da paixão produziria a diástole ininterrupta daquele músculo, a necessidade de respirar, salvando a vida, criou o instinto do ritmo. O verso é a emoção pontuada, o regime vital da emoção, sem o qual uma asfixia passional seria inevitável (...). (em nota de rodapé, cita: “*Origem da Tragedia*”) (RIBEIRO, 1898, p. 274-5).

Esse trecho de seu discurso será reeditado várias vezes, por diferentes periódicos, durante a primeira fase do modernismo. Suas diferentes reedições demonstram variações ortográficas e semânticas no emprego dos vocábulos de Nietzsche. Para além desse discurso, a presença de aspectos parciais da filosofia de Nietzsche na produção de João Ribeiro se estende por suas obras de crítica literária, artigos de jornal, notas, discursos, ensaios filosóficos, crônicas e estudos historiográficos. Elísio de Carvalho e Araripe Júnior enxergavam nele um tipo de intelectual à semelhança de Nietzsche, isto é, como um historiador e filólogo portador de um gênio tipicamente paradoxal. Araripe Júnior observa que foi depois de sua estadia de dois anos na Alemanha, entre 1895 e 1897, que ele adquiriu esse “gênio paradoxal”, declarando que “João Ribeiro assimilou esse espírito característico da literatura alemã” e “não” hesitou “em pôr ao serviço do ensino de história geral da civilização e do Brasil” (ARARIPE JR., 1901, p. 6).

O aspecto paradoxal se faz ver também na maneira como João Ribeiro recebe a filosofia de Nietzsche em sua produção intelectual. Em geral, trata-se de uma recepção que se movimenta entre dois polos contrapostos. Ora ele exalta em demasia as ideias do filósofo em seus desdobramentos estéticos e sociais, ora o condena como um pensador arrivista, alinhado com ideologias hostis. Tanto que, à data de “27 de dezembro de 1896”, da Alemanha, onde se encontrava, escreve para o *Jornal do Comércio* informando que por lá “Frederico Nietzsche é” compreendido e combatido como “o Anti-Christo e o apóstolo da mocidade incrédula”. Texto de tom natalino, destaca que “Nietzsche é de certo o mais cruel inimigo da religião cristã. Ele via no Cristianismo uma filosofia de escravos, um serviço de assistência estéril aos inferiores, aos doentes, aos imbecis, aos que devem morrer, aos que devem ser eliminados” (RIBEIRO, 1897, p. 02). Considera, anos depois, que não foi por acaso que após a Primeira Guerra emergiu com força certa associação entre a “crueldade dos alemães”, em seu “espírito militar”, e “a corrente filosófica que acabara em Nietzsche e que proclamava os direitos do pro-homem ou do super-homem” (RIBEIRO, 1923, p.131-2). De mais a mais, muito

atento que era, desde o início João Ribeiro soube compreender o excesso tendencioso da fisiologia de Nietzsche entremetida nas suas fórmulas realmente brutais sobre a mulher (RIBEIRO, 1910, p. 25).

Para além dessa polarização, encontra-se em sua produção a incorporação de ideias do filósofo para com elas pensar questões estéticas e problemas político-sociais. Em sua tradução de vocábulos da filosofia de Nietzsche, não encontrou, contudo, nas potencialidades do português do período, o equivalente daquilo que o texto original lhe apresentava. Sua oscilação em verter a palavra *Übermensch* por “prohomem”, “sobre-homem” e “super-homem” não criou escola e nem, tampouco, tornou-se referência para as traduções posteriores. De maneira que o sentido da recepção de Nietzsche realizada pelo germanista possui um papel propedêutico: trata-se da primeira divulgação da filosofia nietzschiana no Brasil. Já o movimento germanista, do qual fez parte, exercera certo influxo na recepção de Nietzsche ocorrida no pré-modernismo, em autores como José Veríssimo e no movimento modernista, em autores como Graça Aranha.

III. CLÓVIS BEVILÁQUA E A REPERCUSSÃO DE NIETZSCHE NA MENTALIDADE BRASILEIRA DO FINAL DO SÉCULO XIX

No crepúsculo *finissecular* do XIX para o XX, Clóvis Beviláqua, num ensaio em que avalia a “Repercussão do pensamento filosófico sobre a mentalidade brasileira”, publicado no livro *Esboços e fragmentos*, de 1899, se viu obrigado a incluir uma nota sobre Nietzsche (BEVILÁQUA, 1899, p. 15-44). No ensaio, avalia que a mentalidade brasileira nada criou de original no domínio da filosofia, por ser carente de especulação filosófica e sem base para a meditação. Avaliação essa retomada nos estudos de Cruz Costa. A epígrafe da Introdução de sua *Contribuição à História das Ideias no Brasil*, de 1956, é exatamente a conclusão de Beviláqua: “Se algum dia pudermos alcançar mais larga e mais significativa produção filosófica, estou convencido de que não emergirá ela dos cimos elevados da metafísica” (CRUZ, 1956, 13).

Não obstante, para Beviláqua isso não chega a ser “uma desoladora anomalia” que pese sobre a mentalidade brasileira; mas, seja como for, considera que “o Brasil não contribuiu com uma escola própria, sequer com um conceito original de vulto, para a desenvolvimento da filosofia humana” (Já para Cruz Costa, até 1922 “O nosso espírito manteve-se – e quem sabe se ainda não se mantém? – fiel, paradoxalmente fiel a uma atitude tradicionalmente marcada pelo *colonialismo* e resumia-se quase todo à glosa ou a algum tímido comentário interpretativo” (COSTA, 1960, p. 67)). Em que pese o pessimismo de Beviláqua e Cruz Costa, há quem considere que “o Brasil não é acéfalo quanto à Filosofia, consoante o amargo e ressentido apotegma de Tobias Barreto”. É o que pensava Luís W. Vita, quando dizia que “Temos cabeça filosófica, sim, como a têm os demais povos, ainda que, no nosso caso, perturbada por circunstâncias inibidoras de toda ordem, não sendo a menor delas a presença *difusa* do positivismo, antifilosófico por vocação e destino” (VITA, 1969, p. 04).

Salvaguardadas as distâncias temporais, importa aqui ter em mente que é a partir dessa perspectiva, isto é, de que não temos filosofia, que se situa a nota de Beviláqua sobre Nietzsche em seu texto sobre a filosofia na mentalidade brasileira do final do séc. XIX. Trata-se de uma nota, em certa medida, incompleta; pois, embora, como indica, não houvesse produção significativa que ecoasse, mesmo de longo, algum conhecimento seguro sobre o filósofo, ainda assim, não menciona que já havia sido publicado artigos, resenhas de suas obras, crônicas, discursos e notícias sobre suas ideias e biografia. Essa modesta produção já contribuía para o alargamento do nosso

pensamento crítico, particularmente em dois aspectos de nossa cultura, totalmente contrapostos: a renovação cultural e o conservadorismo político e religioso.

Entretanto, cabe lembrar que a repercussão da filosofia de Nietzsche na produção intelectual da inteligência brasileira desse momento ocorre sobretudo no movimento científico-filosófico do qual Beviláqua emergira: o movimento germanista do Recife. O próprio Cruz Costa indicou que “O *germanismo* coloria-se, nos mais audazes, de nietzscheísmo escandaloso, e se alguns escaparam a esta crise estetizante da influência de Fred. Nietzsche foi porque, como diz Gilberto Amado, estavam ‘entupidos de Positivismo’” (COSTA, 1960, p. 68). Contudo, essa indicação de Cruz Costa é imprecisa, para não dizermos errônea. Primeiro porque ele não levou em conta que, conforme confessa o próprio Gilberto Amado: “Se não fosse Nietzsche teria ficado positivista” (AMADO, 1952, p. 172.). Segundo porque não houve um “nietzscheísmo escandaloso” entre os germanistas, mas sim a adoção de uma perspectiva teórico compatível com a filosofia nietzschiana, direcionada, principalmente, contra o predomínio da cultura francesa e suas correntes de pensamento, como a pretensiosa metafísica do espiritualismo e a ortodoxia do positivismo.

Consideremos ainda que no material inicial do ensaio de Beviláqua, depois revisado e complementado para o livro, publicado primeiramente como um esboço, em 1896, no periódico *A Nova Revista*, não consta a nota. Portanto, entre os anos de 1896 e 1899, Beviláqua, uma vez tendo ampliado o ensaio, se viu na necessidade de acrescentar uma nota final explicativa “Sobre Friedrich Nietzsche”, e se justifica afirmando:

Sobre Friedrich Nietzsche, que Stein, de Berne, chamou o último renovo da escola cínica, mas em quem Rudolf Steiner, de Weimar, apenas viu um *Kämpfer gegen seine Zeit*, cuja concepção do homem superior pareceu genial a muitos, e simplesmente tresloucada a outros, nada se disse, porque sua filosofia individualística nenhum eco de simpatia, amortecido embora, acordou entre nós, a não ser que por tal se tomem referências insignificantes para a história do pensamento nacional (BEVIÁQUA, 1899, p. 41).

Lembremos que no Brasil já não era algo novo situar Nietzsche na corrente dos filósofos cínicos; o texto de 1893 assinado por Julio Erasmo, referindo-se a Nietzsche, intitula-se “O neo-cinismo”. Tampouco era incomum situar Nietzsche como autor de uma filosofia celebradora de certo individualismo aristocrático, com sua “concepção do homem superior”. Notemos que entre as fontes de contato de Beviláqua com o pensamento de Nietzsche consta Rudolf Steiner, que chegou a publicar livro sobre o filósofo, além de o ter conhecido ainda vivo. Ele conheceu Elisabeth Förster pessoalmente e fez várias visitas aos Arquivos de Nietzsche. O resultado foi o livro *Friedrich Nietzsche, Ein Kämpfer gegen seine Zeit*; publicado em 1895. Rudolf Steiner também chegou a publicar uma edição de alguns dos escritos de Nietzsche.

Caberia ainda se perguntar se as referências insignificantes a que Beviláqua está a se referir não estariam presentes na imprensa. Até aquele momento, 1899, a imprensa diária e periódica já havia publicado algumas traduções de fragmentos de escritos de Nietzsche e textos dedicado ele e suas ideias, assinados por intelectuais como José Veríssimo e Leopoldo de Freitas. Esses materiais são veículos expressivos de discussões e debates acalorados em torno de questões científico-filosóficas que contribuíram para a mudança em direção a certa orientação crítica. No caso dos germanistas, manifestavam a decisão de optar por um pensamento com o qual foi possível fazer frente às perturbações inibidoras do positivismo ortodoxo do período.

Não foi um contato prolongado nem contínuo o de Clóvis Beviláqua com a filosofia de Nietzsche, antes circunstancial e passageiro, embora, contudo, o filósofo jurista da Escola do Recife não tenha deixado de atentar para a sua presença na cena intelectual do seu momento cultural.

IV. ARARIPE JÚNIOR E A FILOSOFIA PARADOXAL DE NIETZSCHE

Tristão de Alencar Araripe Júnior, um inovador do pensamento crítico brasileiro, embora atualmente seja pouco estudado, acolheu notadamente a filosofia nietzschiana em sua produção. Com ela adensou a sua crítica e avolumou sua criação literária. Manteve proximidade com o movimento germanista. Em 1958, quando Afrânio Coutinho começa a organizar sua obra crítica, nos informa que “Sua presença no Recife e no Ceará deu-lhe ensejo de participar do movimento de renovação encabeçado, no Recife, por Tobias Barreto e Sílvio Romero, com a chamada ‘Escola do Recife’ e, em Fortaleza, com os grupos da ‘Academia Francesa’ e da ‘Escola Popular’” (COUTINHO, 1958, p. IX). Alfredo Bosi considera que Araripe Jr. recebeu a mesma formação teórica de Sílvio Romero, e junto com Capistrano de Abreu, Rocha Lima e outros intelectuais, fundou a “*Academia Francesa*, órgão de cultura e debates, progressista e anticlerical, que durou de 1872 a 1875 e que, ressalvadas as proporções, exerceu no Ceará uma função paralela à da ‘Escola do Recife’” (BOSI, 2006, p. 262).

Na transição do séc. XIX para o XX, Araripe Júnior acolhe a filosofia de Nietzsche em consequência de várias temáticas; ela comparece em diferentes gêneros de sua produção, desde o ensaio, passando pela ficção, o romance, a crônica, mas sobretudo em seu pensamento crítico, seja quando se opõe aos teóricos da eugenia, nacionais e estrangeiros, na esteira dos debates sobre o racismo cientificista, seja quando medita sobre o sentido trágico do séc. XIX, ou sobre o pessimismo dos críticos nacionais e estrangeiros.

Data de 1895 a sua primeira referência a Nietzsche, presente no livro *Movimento de 1893 – o crepúsculo dos povos*. Localiza-se em meio a um diálogo com Max Nordau, quando analisa o capítulo “o crepúsculo dos povos”, do livro *Degenerescência*. Araripe critica os conceitos e termos utilizados por Nordau – *fim de século, neurastenia e degenerescência* – como imprecisos e generalíssimos; identifica contradições entre o primeiro capítulo e o restante da obra e ironiza seu estilo profético, com o qual “conclamou como o Zaratustra de Nietzsche”. Situa Nordau entre os autores excessivamente “abstratores”, que a pretexto de ideias gerais, “apodam de furioso ao infeliz Nietzsche, porque, na sua lógica de solitário e individualista intransigente, chegou à conclusão de que Nero e Napoleão são os tipos mais perfeitos do mundo e de que o crudelismo é a única moral capaz de nos salvar” (ARARIPE JR., 1963, p. 203-6.). Por meio de uma perspectiva crítica incisiva e irônica, toma posição e procura desfazer os preconceitos sobre o filósofo provenientes das negativas avaliações de Max Nordau.

Outra referência a Nietzsche aparece em 1897, quando sai na *Revista Brasileira* uma continuação de seu amplo estudo sobre Sílvio Romero, intitulado “Sílvio Romero polemista”. Araripe procura rechaçar, logo de início, o que identifica como o pessimismo dos críticos nacionais. Primeiro o de Sílvio Romero, que exclui o Brasil do quadro das nações civilizadas por sermos um país de mestiços; depois o de José Veríssimo, que nega que tenhamos um pensador, uma vez que em filosofia e em ciência, somos ineptos para cogitações abstratas e generalizações profundas e, por fim, rebate o pessimismo de João Ribeiro e seu denegrimento das condições de existência nacional. Avalia que o pessimismo de Sílvio Romero é o mais negativo, por ser ele

quem mais se destaca no ataque e na exposição do atraso e desequilíbrio de nossa cultura. Se opõe ao seu cientificismo errôneo, segundo o qual todos os males e desgraças de nossa terra teriam origem em nossa raça mestiça, não havendo saída até que ocorra o abranquecimento pela imigração. Julga seu pessimismo como algo ocasional e fruto de suas necessidades físicas de polemista. Quanto ao pessimismo estrangeiro, combate o de Gustavo Le Bom, segundo o qual o atraso das repúblicas latino-americanas se deve às frequências das suas revoluções, ao mau resultado produzido pelo cruzamento de raças desigualmente desenvolvidas. Contra essas falsas teorias, professadas no Brasil e alhures, Araripe combate “o princípio etnológico do *eugenismo*”, “teoria esta que prestou mão forte aos despautérios poéticos de Nietzsche” (ARARIPE JR., 1963, p. 327). Neste momento, atenua sua crítica ao pensador concedendo a ele o estatuto de filósofo poeta, assim pôde diferenciar e afastar as suas reflexões filosóficas das teorias científicas do eugenismo, em voga no Brasil de então.

Sua posição em relação a Nietzsche, contudo, muda com o passar dos anos. As primeiras referências oscilam entre certa prudência, por causa da proximidade com autores da eugenia, e certa aceitação, por distingui-lo como um poeta e filólogo de missão. Assim, se no ano de 1898, no ensaio “A pedagogia rabelaisiana”, acusa Nietzsche de transformar as ilusões do paganismo “na teoria social do crudelismo e do pró-homem” (ARARIPE JR., 1963, p. 340), em 1901, em prefácio ao livro *História do Brasil*, de João Ribeiro, considera que “Frederico Nietzsche” foi “o que se pode dizer verdadeiramente a transfiguração de um gramático e filólogo num poeta de largo remígio” (ARARIPE JR., 1966, p. 06.). Essa oscilação se faz ver ainda numa resenha de 1900, publicada na *Gazeta de Notícias*, na qual Araripe menciona o filósofo a propósito de Enrico Cimbali, jurista italiano, autor do livro que resenha. Nela, afirma que Enrico foi o primeiro a estudar “os instintos civis sob o critério dos princípios darwinistas. Mas, longe de chegar, ao *crudelismo* dos que aplaudem as ideias de Nietzsche” (ARARIPE JR., 1963, p. 468).

Também datada de 1900, na crônica intitulada “Utopia”, publicada no *Jornal do Comércio* e assinada com o pseudônimo de Cosme Velho, Araripe chama a atenção para a falta de sentido e contrassenso dos leitores incautos no trato com a filosofia de Nietzsche entre nós, por alinharem o filósofo com o antissemitismo praticado pelos anglomaniacos “antidreyfusistas”. Com esta crônica, estampada nas páginas do conhecido diário carioca, de maneira bem decidida e irreverente, mais uma vez Araripe se opõe ao conservadorismo que insiste em associar o filósofo com posições eugênicas e racistas.

O primeiro texto inteiramente dedicado a Nietzsche, escrito por Araripe, será publicado em 1904, no *Almanaque Garnier*, intitulado “Ulisses e Dionísio. Comentário e questionamento sobre a obra de Nietzsche Origens da Tragédia” (ARARIPE JR., 1966, p. 86-88). Neste breve ensaio, procura tecer comentários e questionamentos sobre conceitos centrais do livro “Origens da Tragédia”. Preocupado com a busca de uma literatura de caráter nacional, inicialmente Araripe aderiu ao nacionalismo como critério crítico e norma de criação literária. No texto acima, aborda as ideias estéticas do jovem Nietzsche por meio de fatores histórico-genéticos bastante amplos – entre os quais se inclui o Brasil –, quando se pergunta: “Baco conquistou a Índia. A sua expansão seria suficiente para envolver a América, e os novos mundos?”. Nessa direção, procura dissuadir dois conceitos nietzschanos ao fazer referência a eventos históricos, como a conquista da América, para assim questionar certa insuficiência do “espírito dyonisiaco”, pois julga que é ao espírito apolíneo que devemos a conquista de novos mundos. O Brasil, portanto, julga Araripe, não teria sido conquistado sem o predomínio

do espírito “apollíneo” na cultura moderna (ARARIPE JR., 1904, p. 193-194).

Deste breve ensaio adiante, suas referências ao filósofo pouco a pouco perdem a dualidade que apresentava inicialmente, quando oscilava entre a exaltação e a prudência, passando agora a prescrevê-lo como antídoto contra o conservadorismo cristão e o simbolismo incipiente do período. Assim, para não enveredarmos pela “selva escura da filosofia” em que se enfiara um Medeiros e Albuquerque, julga relevante lembrarmos do parágrafo 252 de “*Par delà de bien e le mal*”, para com ele nos assegurarmos de que em filosofia é “inglório repetir o paradoxo de Nietzsche: tudo é permitido, nada é verdadeiro!” (ARARIPE JR., 1963, p. 141). O que está por detrás desta passagem é que, desde 1888, Araripe combate o simbolismo trazido de Paris por Medeiros e Albuquerque⁴, o qual julga insólito em nosso meio, pois considera que “a escola simbolista, essa nova forma do eufuismo”, “se traduz agora por um *niilismo literário* inominado”, “traduzindo seu niilismo literário em decomposições individuais (ARARIPE JR., p. 131-138). Em que pese a sua desconfiança em relação ao paradoxal método do filósofo, pondera e sugere que “Mais proveito haveria em apanhar-lhe a digna inspiração, quando revoltado, contra as teorias de Locke e outros filósofos ingleses, [quando] se arroja a dizer que eles reduziram o universo a uma máquina estúpida e sem expressão” (ARARIPE JR., 1963, p. 141). Tanto que, para precavermos do socialismo cristão do Padre Severino de Resende, presente em seu livro sobre Eduardo Prado, prescreve “a leitura da obra de Nietzsche”, em particular “na parte que se ocupa, por exclusão, do Cristianismo e da sua influência sobre a sociedade moderna, como doutrina igualitária e demótica, ao par da democracia, demolindo tudo quanto entende com os instintos do homem para a grandeza, para a nobreza, para o cavalheirismo da ‘super-humanidade’. Está claro [conclui], que a sua atenção se voltaria a Nietzsche para combatê-lo” (ARARIPE JR., 1963, p. 159). Araripe não associa Nietzsche diretamente com o pensamento conservador nacional ou estrangeiro, nem tampouco com os autores do movimento simbolista, interpreta-o, não obstante, como um filósofo-poeta paradoxal.

Prova de que Nietzsche exerceu inequívoco influxo sobre a sua orientação teórico-crítica encontra-se em sua adoção de conceitos de procedência nietzschiana, acolhidos e aplicados como critério de avaliação crítica a autores nacionais e estrangeiros. Consideremos, para tanto, que em setembro de 1907, Araripe estampa nas páginas do *Jornal do Comércio* o ensaio “A Gaia Scienza de G. Ferrero”. A expressão *gaia scienza* não figura como uma simples referência a uma obra de Nietzsche. Logo de início, declara que “Não há sentimento profundo da vida sem essa *gaia scienza* a que Nietzsche atribui o poder de revelação dos segredos da história da humanidade”. É com esta expressão que Araripe caracteriza o estilo da obra do italiano Guglielmo Ferrero (*História da Grandeza e Decadência de Roma*), isto é, segundo as determinações do ambiente (mediterrâneo), que lhe proporcionara a serenidade, a sua *gaia scienza*. É nesse sentido que cita o “malgrado filósofo poeta” autor de “*Le gai savoir*”, na tradução de Henri Albert (ARARIPE JR., 1963, p. 250). Quanto ao aspecto teórico-crítico, sabemos que a produção de Araripe foi afetada por um autor francês que era um interlocutor privilegiado de Nietzsche: Hippolyte Taine⁵. Eis aí, entre outras, suas fontes mais importantes, em termos filosófico e metodológico; em consonância a Nietzsche e a Taine, Araripe valoriza o clima e o ambiente como condicionadores da produção literária e científica, e mesmo de todo o fenômeno estético, aplicando-os à sua apreciação das obras nacionais e estrangeiras. Em particular, a obra de pensamento nietzschiana, portanto, repercute de forma ampla e positiva na produção de Araripe Júnior, no sentido de orientar, em termos de inspiração crítica e de criação literária, a sua atividade intelectual.

De modo geral, a filosofia de Nietzsche comparece sobretudo em sua produção crítica, embora apareça também na sua criação literária, em crônicas e em romances, sempre filtrada pelo ambiente histórico-social que o circunda, onde testa-a e converte-a em condicionadora de criação, mais do que em categoria abstrata para a especulação. Nos *Diálogos das novas grandezas do Brasil*, uma série de ensaios publicados inicialmente no *Jornal do Comércio*, em 1910, considera Nietzsche, ao lado de Renan, Carlyle e Emerson, um espírito universal, sibarita das altas regiões do pensamento. Mais uma vez, assevera que se ele joga com as ideias, é que para ele “o paradoxo” “é um instrumento de análise, de investigação, o qual, uma vez por outra, é trazido a público para assombrar os incautos” (ARARIPE JR., 1963, p. 367). Desse modo, a filosofia nietzschiana se estende ao longo de sua produção sob o filtro ou a propósito de questões bem brasileiras. Como quando aponta que Rui Barbosa, no nível retórico e sob o pano de fundo das discussões sobre a superioridade da raça loura do Norte da Europa, seguiu justamente uma orientação paradoxal, como a de Nietzsche, para quem “o Cristianismo é a sistematização do sujo e da vileza e a expansão da alma escrava (...)”, uma civilização construída “pela seleção dos homens, pró-homens e gênios derivados desses grandes carnívoros louros oriundos do norte do continente europeu”⁶. Ao que parece, Araripe denuncia aqui o uso que fora feito da filosofia nietzschiana em defesa de uma ideologia política elitista, que preconizava a superioridade do homem de tipo aristocrático, projeto levado a cabo, com distinção, por Elisio de Carvalho.

Ao se dedicar, uma vez mais, a escrever uma reflexão mais detida sobre Nietzsche, Araripe, novamente, se debruça principalmente sobre “*A origem da tragédia*”. A reflexão aparece na forma de ensaio, integra o livro intitulado *Ibsen*, de 1911. Trata-se de trabalho iniciado ainda em 1895, só concluído em 1909, com o qual alcança certa universalidade, ao questionar o significado da tragédia humana, seja por meio do dramaturgo norueguês, seja por meio das obras dos autores trágicos, da Grécia ao século XIX. Na parte intitulada “O sentimento trágico do século XIX”, medita sobre o tema do trágico a partir de Nietzsche. Desta feita, sustenta a tese de que o sentimento trágico encontrado na sua obra não corresponde ao sentimento trágico grego, mas ao sentimento trágico moderno, em particular do século XIX, quando “O pensador alemão prevê a ressurreição da tragédia dionisiaca”. Neste ensaio Araripe mostra ter amplo conhecimento das obras de Nietzsche, argumenta que “Qualquer que seja o destino do seu paradoxo em filosofia moral, é certo, porém, que a sua obra repercute a ansiedade trágica do fenômeno da moderna vida social”. Adverte que “Não há quem leia os aforismos da *Gaia Ciência*, da *Genealogia da Moral*, do *Acima do Bem e do Mal*, do *Assim falou Zaratustra*, da *Vontade de Poder*, que não experimente a surpresa de um pensamento infernal, escondido nas dobras da própria consciência” (ARARIPE JR., 1970, p. 86-89).

Araripe Júnior também discorre, embora apenas de passagem, sobre a “teoria da volta eterna das cousas”, também sobre a “vontade de potência” e o “super-homem”; distingue e salienta a oposição de Nietzsche em relação ao pessimismo de Schopenhauer e ao misticismo de Wagner. Afirma, nas páginas do *Jornal do Comércio*, 1909, que “As teorias de Nietzsche, que incontestavelmente foi um grande pensador, mas de método pouco seguro, tiveram a vantagem de despertar a atenção dos sábios para alguns aspectos de moral, que não tinham ainda sido explorados” (ARARIPE JR., 1970, p. 102-178). Seu contato com a filosofia de Nietzsche se deu através das traduções e edições elaboradas por Henri Albert, por intérpretes como Eugène de Roberty, Jean Bourdeau e intelectuais como Max Nordau; também lia as mesmas fontes francesas do filósofo, como Taine e Paul Bourget. Ela lhe serviu de munição para combater tanto o conservadorismo cristão quanto o cientificismo racista, além de

reforçar sua orientação de explicar o fenômeno literário a partir do fator ambiente, a terra ou meio físico.

Em *Obra crítica de Araripe Júnior* (cinco volumes publicados entre 1958 e 1966), Afrânio Coutinho reuniu parte de sua obra crítica, dispersa por vários periódicos, o que nos possibilitou avaliar o quanto Nietzsche lhe servira como instrumento para desenvolver seu pensamento crítico. Mas não incluiu *Miss Kate*, romance publicado em Lisboa, em 1909, no qual o filósofo alemão comparece expressivamente, em meio a uma linguagem alicerçada por diálogos sobre a loucura. Com um substancial prefácio do psiquiatra Afrânio Peixoto, que o inicia com uma epígrafe d'*O alienista*, de Machado de Assis, a loucura é o tema central do romance, discutida sob diferentes perspectivas: filosófica, médico-científica e literária.

No romance de Araripe, Nietzsche aparece, mais uma vez, como autor “da recente filosofia paradoxal” (ARARIPE JR., 1909, p. 28.), na assertiva do protagonista: Agripino Simões, um “evadido da razão prática”, conforme o prefácio de Afrânio Peixoto. A conturbada vida de Nietzsche, sobretudo às questões de saúde física e mental, inspirou a composição de romances simbolistas entre nós. Exemplo disso são os romances *No hospício*, de Rocha Pombo, e este, de Araripe, uma tentativa de conciliar o naturalismo com o simbolismo que descendia do “pensamento agonístico de Nietzsche” (BOSI, 2006, p. 210,280,282). O simbolismo foi para Araripe Júnior a possibilidade de romper com a tradição romântica com a qual iniciara a sua trajetória. Em *Miss Kate*, as desventuras, os sobressaltos e a ruína mental do protagonista são elementos essenciais da trama, encadeia ações e discursos com os quais o caracteriza: um “Dr.” que vive no limite entre a loucura e a genialidade. O simbolismo decadentista, corrente literária, artística e filosófica, assim denominada por buscar a fuga da realidade corriqueira e exaltar o heroísmo individualista sofredor, examina aspectos limites da sensibilidade e do inconsciente, características essas bem presentes nos romances acima citados.

Em *Miss Kate* encontramos afinidades e semelhanças entre a vida do Dr. Agripino Simões e a trajetória biográfica de Nietzsche: como as dores físicas, as crises de ansiedade, os sofrimentos existenciais, a necessidade do isolamento e de caminhadas. Tal como ocorrera com o filósofo, as dores oculares e as cefaleias de Agripino são atenuadas pelo clima e o ambiente, pois “o amanhecer no Corcovado não deslumbra somente; também cura”, por sua “natureza dionisiaca”. Outro fator que concorre para agravar o quadro de sua doença mental é sua obsessão por Miss Kate, uma norte-americana que lê e faz “transcrições de Nietzsche”, valoriza o “filósofo alemão” e o “estado ditirâmico das festas dionisiacas”. Agripino, por sua vez, a desaprova e a questiona perguntando “quem foi que” a “iniciou nessas abomináveis leituras de Nietzsche?”, pois o considera “veneno” (ARARIPE JR., 1909, pp. 45,106, 117,127,131). Mais uma vez, agora pela boca de uma personagem de sanidade comprometida, Araripe ironiza com os contrassensos dos incautos brasileiros no trato com o pensamento de Nietzsche.

É possível concluir que as ideias e as obras de Nietzsche contribuíram para ampliar o alcance do pensamento crítico de Araripe Júnior. Mais ainda, pois não satisfeito em assimilar e aplicar ideias e conceitos nietzschianos em suas pesquisas de caráter teórico-crítico, tomou também a experiência de vida do filósofo como matéria e inspiração para a sua criação literária, com a qual pôde inspirar-se e compor um romance que seguia rumo à ruptura com a tradição romântica e parnasiana, renovando a nossa literatura em termos de forma e conteúdo.

V. CONCLUSÃO

Assim, malgrado a ausência de trabalhos monográficos e as esparsas indicações pontuais encontradas em manuais, notas, resenhas e livros das mais diferentes áreas do saber, hoje sabemos que a disponibilidade da filosofia de Nietzsche para o exercício de um pensamento crítico entre nós teve início no momento em que ela começou a ser requerida como objeto de apreciação filosófica e inspiração para a crítica e a criação literárias, já a partir de 1876, com Tobias Barreto, no horizonte da renovação empreendida pelo movimento germanista, que irradia a partir do Nordeste brasileiro. Tendo ela por referência, diversos intelectuais germanistas pensaram e dialogaram acerca de diferentes problemáticas, como a questão dos limites da metafísica, bem como a respeito de concepções do pessimismo entre nós. Com a recepção da filosofia nietzschiana, entre outras coisas, eles mitigaram a afirmativa de Tobias Barreto segundo à qual “o Brasil não tem cabeça filosófica” (BARRETO, 1926, p. 249), também atenuaram a afirmativa de João Ribeiro de que no Brasil “ninguém se preocupa com o infinito” (RIBEIRO, 1917).

REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. “Aforismos de Frederico Nietzsche”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, a 26 de fevereiro de 1892.
- AMADO, Gilberto. “Tobias ANÔNIMO. “Aforismos de Frederico Nietzsche”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, a 26 de fevereiro de 1892.
- AMADO, Gilberto. “Tobias Barreto. (Conferência proferida no Centro Osvaldo Spengler, na inauguração do curso de extensão acadêmica – 1934)”, in: *A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1952.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Júnior*. (Dir. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, vol. III, 1895-1900, 1963.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “Ulisses e Dionísio. Comentário e questionamento sobre a obra de Nietzsche “Origens da Tragédia”, in: *Almanaque do Garnier (A.B.G.)*, Rio de Janeiro, 1904.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Miss Kate*. Lisboa, Portugal. Liv. Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “Um prólogo de Medeiros e Albuquerque”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Afrânio Coutinho (org.); vol. IV 1901-1910. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1963.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “A pedagogia rabelaisiana”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Afrânio Coutinho (org.); vol. III 1895-1900, 1963.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “João Ribeiro: filólogo e historiador”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Afrânio Coutinho (org.); vol. IV 1901-1910, 1966.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “A nova fase do direito civil”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Afrânio Coutinho (org.); vol. III 1895-1900, 1963.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “O maquinista”. Originalmente publicado na revista *Novidades*, em 1888, acolhido por Afrânio Coutinho em *Obra crítica de Araripe Júnior*, v. II 1888-1894, 1960.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. “Diálogos das novas grandezas do Brasil”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. vol. IV 1901-1910, 1963.
- BARBOSA, Francisco Assis de. “Sérgio antes de Berlin”, in: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização e introdução de Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- BARRETO, Tobias. *Questões vigentes*, Obras Completas, IX, Ed. do Estado de Sergipe, 1926.
- BARRETO, Tobias. “Coleção Alemã de Tobias Barreto – Periódicos”, in: *Obras raras e valiosas da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife: repertório bibliográfico dos séculos XVI ao XX*. Recife: Gráfica Linceu, 2011.

- BARRETO, Tobias. “Nem filósofo nem crítico”, in: *A Província*. Recife, PE, 10/03/1876.
- BEVIÁQUA, Clóvis. “Repercussão do pensamento filosófico sobre a mentalidade brasileira”, in: *Esboços e fragmentos*. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1899.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, 43° ed., Cultrix, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. “Introdução”, *Obra crítica de Araripe Júnior*, vol. I, 1868-1887, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- COSTA, Marcos Farias de. *Bibliografia crítica sobre João Ribeiro, 1881-1997*. Governo de Sergipe, SEED, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, 1998.
- CRUZ, Costa. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1956.
- CRUZ, Costa. *Panorama da história da filosofia no Brasil*. Editora Cultrix, 1960.
- DIAS, Geraldo. “A filosofia de Nietzsche no movimento germanista do Recife e do Rio de Janeiro no final do séc. XIX e início do XX”, in: *Revista Ágora Filosófica*. Recife; v. 1, n. 2, p. 13-30, dez. 2017.
- ERASMO, Julio. “O neo-cinismo”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, a 20 de maio de 1893.
- FREYRE, Gilberto. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro. Editora Edição da Casa do Estudante do Brasil, Departamento cultural, 1943.
- HELLER, Agnes. *A filosofia radical*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MEYER, Augusto. “Prefácio”, in: RIBEIRO, João. *O Fabordão* (crônica de vários assuntos). Prefácio Augusto Meyer, Revisão crítica e notas Aurélio Buarque de Holanda. Livraria São José LTDA, Rio de Janeiro, 1967.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3° ed. São Paulo, Editora Perspectiva, vol. 1, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim/New York: Walter de Gruyter & Co., 1999, 15v.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; Trad. E Notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014.
- RIBEIRO, João. “Revista Alemã”, in: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1897, p. 02.
- RIBEIRO, João. “F. Nietzsche”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18/6/1897, p. 01.
- RIBEIRO, João. “Academia Brasileira – Recepção do Sr. João Ribeiro”, in: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo XVI, 1898.
- RIBEIRO, João. “Frederico Nietzsche”, in: *Almanaque Brasileiro Garnier* (A.B.G.). Rio de Janeiro, 1904, p. 247-250.
- RIBEIRO, João. “A Filosofia no Brasil”, in: *Revista do Brasil*, nº 22, vol. VI, Rio de Janeiro, 1917.
- RIBEIRO, João. “Frederico Nietzsche”, in: *O Fabordão* (crônica de vários assuntos). H. Garnier, Livreiro editor, Rio de Janeiro, 1910.
- RIBEIRO, João. *Colmeia*. São Paulo, Monteiro Lobato & C, 1923.
- RIBEIRO, João. “A Filosofia no Brasil”, in: *Revista do Brasil*, nº 22, vol. VI, Rio de Janeiro, 1917.
- ROMERO, Sílvio e RIBEIRO, João. “III As influências estrangeiras”. In: *Compendio de História da literatura brasileira*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1906.
- PANTUZZI, Tiago. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação de Mestrado, catálogo USP. São Paulo, pp. 104, 2016.
- Portal da Fundação Biblioteca Nacional. Acessos entre 22/03/2014 e 05/02/2019, no site: <http://hemerotecadigital.bn.br>.
- VITA, Luís W. “Filosofia da filosofia no Brasil”. *Panorama da filosofia no Brasil*, 1969.

NOTAS

- 1 Para uma análise mais detalhada desses materiais, cf. DIAS, Geraldo. “A filosofia de Nietzsche no movimento germanista do Recife e do Rio de Janeiro no final do séc. XIX e início do XX”, in: *Revista Ágora Filosófica*. Recife; v. 1, n. 2, p. 13-30, dez. 2017; e PANTUZZI,

Tiago. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação de Mestrado, catálogo USP. São Paulo, pp. 104, 2016.

- 2 A *Hemeroteca Digital Brasileira*, Portal da Fundação Biblioteca Nacional, torna possível a pesquisa sistemática e temporalmente abrangente acerca da recepção histórica de Nietzsche no Brasil. O Portal proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, muitos datados do século XIX, outros do início do XX. Permite a realização de pesquisa aprofundada por meio da busca por palavras, com a utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Carácteres, que proporciona maior alcance na pesquisa textual em periódicos. Para esta pesquisa, os acessos foram feitos entre 22/03/2014 e 05/09/2020, no site: <http://hemerotecadigital.bn.br>. Ao longo deste artigo, certos vocábulos da filosofia de Nietzsche (e o nome do filósofo, grafado às vezes sem a letra s) estão em desacordo com as normas ortográficas atuais, uma vez que optamos por manter o emprego do período.
- 3 Conforme a filósofa Agnes Heller, é possível distinguir, ordenar e delimitar dois tipos fundamentais de recepção da filosofia: a completa e a parcial. Definida enquanto esfera de objetivação constituída por três momentos radicais: como se deve pensar, como se deve agir e como se deve viver, a filosofia incita seus receptores a refletirem sobre o modo como devem pensar, como devem agir e como devem viver. Entretanto, se no interior de uma filosofia esses três momentos são unidos e inseparáveis, na sua recepção pode ocorrer a separação. Deste modo, uma filosofia pode ser apropriada em sua totalidade, configurando uma recepção completa, ou em partes separadas, configurando uma recepção parcial. Neste artigo, realizamos a nossa análise sob a perspectiva teórico-metodológica da recepção parcial. Entre as variações de recepção parcial, consta a recepção como guia de conhecimento; acreditamos que os autores aqui abordados realizaram uma recepção da filosofia de Nietzsche enquanto guia de conhecimento para pensar o exercício de um pensamento crítico e da criação literária. Cf. HELLER, Agnes. *A filosofia radical*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 13-52.
- 4 “Os livros ‘decadentes’ franceses entraram no Brasil trazidos de Paris por encomenda de Medeiros e Albuquerque, que os passou a Araripe Júnior”, conforme estudos de MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3º ed. São Paulo, Editora Perspectiva, vol. 1, 1987, p. 90.
- 5 Ver, por exemplo, *Para além de bem e mal*, § 191, KSA 5.112.
- 6 E por isso, para concluir, pondera: “Ora, aí está a viela em que se meteu Rui Barbosa. Ele necessitava provar que, no Brasil, a tirania não tinha sequer obtido um grande representante”, ARARIPE JR., 1963, p. 371.